

"País se tornará celeiro do mundo"

Economia brasileira tem tudo para crescer, só é preciso reduzir custo da máquina pública

Fernando Souza

Cláudia Dantas

Quando assumiu o comando do Banco Fator Holding S.A, há cinco anos, Manoel Horacio tinha pouca experiência com mercado de capitais. Depois de sair do segmento de telecomunicações, o executivo acompanhou, de perto, o crescimento do setor no Brasil, com passagens pelas empresas Ericsson e Telemar. Nesta última, Horacio comandou toda a reestruturação da empresa, e presidiu a companhia por três anos. Saiu pouco antes da fusão das 16 teles. Depois da árdua experiência na Telemar, com carga horária de até 16 horas por dia, achou que merecia um ano sabático. Contudo, depois de quatro meses de descanso e vários palpites nos assuntos do lar, a mulher o intimou a voltar ao trabalho. À frente de um dos últimos bancos de investimento e corretora independente do país, Horacio administra uma instituição com quase 30 mil clientes e patrimônio de R\$ 300 milhões. O executivo lista as fusões e aquisições de empresas estrangeiras e brasileiras para resumir: o mercado de capitais no país está em franca expansão. Acha que até o fim do semestre, o Bradesco fechará a compra da Agora.

Diante do risco de recessão nos Estados Unidos, o senhor acredita que o Brasil será afetado?

— Sim, mas não será nada impactante. A economia brasileira está mais equilibrada, os fundamentos econômicos estão mais sólidos. Hoje, o presidente Lula colhe o resultado de um trabalho iniciado em 94, com a estabilização da moeda. Quando analisamos a crise do subprime, a economia americana e todas as medidas adotadas por eles para conter tal problema, parece que falamos de um país do terceiro mundo e não dos Estados Unidos. O Brasil vive situação mais confortável, isto é visível. A estabilidade monetária permitiu desenvolver o mercado de capitais no país.

De que forma o país pode ser afetado?

— Vai reduzir um pouco o crescimento econômico. Se o planejamento é de 5%, vamos crescer em torno de 4%, mas a crise americana não fará exatamente o mesmo efeito

>> Perfil

Manoel Horacio

Aos 22 anos, o executivo iniciou carreira na Ericsson, do ramo de telecomunicações, mas especializou-se em reestruturar empresas como Sharp, Vale e Telemar. Há cinco anos, comanda o Banco Fator Holding S.A, que administra recursos de 30 mil clientes

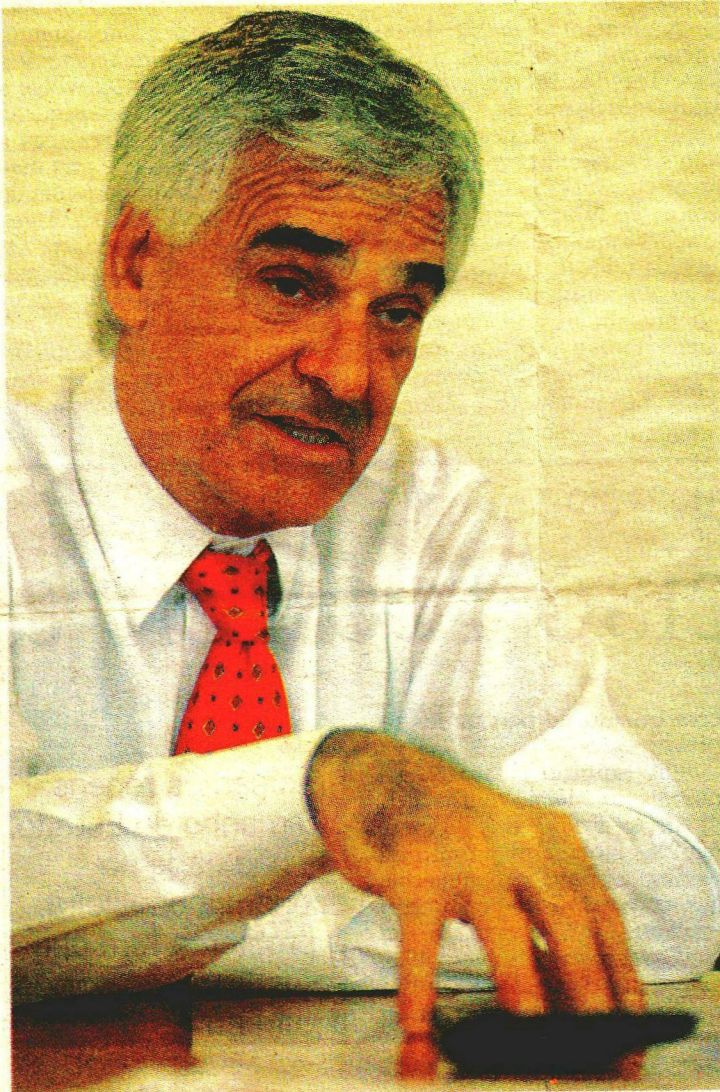
“Quando analisamos a crise americana, parece que falamos de um país do terceiro mundo e não dos Estados Unidos

“Brasil tem condições vantajosas perante a maioria dos emergentes. Os produtos agrícolas são privilegiados

que faria em outras épocas. No passado, a economia brasileira simplesmente despencaria. Este efeito será sentido em todos os países emergentes, alguma reação eles terão.

Além dos emergentes, a crise americana pode afetar outros países?

— Temos que levar em consideração que os Estados Unidos hoje são a terceira maior economia do mundo. Em primeiro lugar, é a economia europeia, depois a asiática, e por último estão os americanos. A economia de um país só não faz mais a diferença, os outros formaram blocos econômicos. Se os EUA tiverem uma gripe, eles não afetarão tanto o resto do mundo.



CRESCIMENTO — Para Manoel Horacio, indústria de base tem potencial

Mas o Japão vive um momento complicado.

— Sim, a economia japonesa está parada há muito tempo, cresceu intensamente nas décadas de 70 e 80 e, nos anos 90, simplesmente estagnou. A economia japonesa cresce na ordem de 2%, o padrão é baixo se comparado com a média americana, que foi de 4,2% nos últimos dois anos, e a média mundial, que está próxima de 5%, puxada por China e Índia. O Brasil cresceu na faixa de 3% nos últimos anos, mas no ano passado pode ter superado os 5%.

Por quanto tempo ainda pode durar a crise americana?

— A crise deve durar em torno de seis meses, até a economia se re-

equilibrar, e os Estados Unidos vão crescer entre 1% e 1,5% este ano. Não acredito em catástrofe, contudo haverá uma desaceleração da economia, responsável por promover um aumento do nível de desemprego, mas eles têm uma capacidade brutal de recuperação, são muito fortes. Mas não podemos nos esquecer de que será um ano complicado para os americanos por causa das eleições.

O Banco Central americano está atento.

— Sim, tamanha é a sua preocupação de que a economia americana despenque e ocorra uma recessão que o Fed interveio forte na economia e baixou sensivelmente a

taxa de juros. Diferentemente de outros bancos centrais reguladores, que se preocupam com política monetária, o Fed está mais atento às medidas fiscais do que monetárias.

Em que setores o Brasil pode ser bem-sucedido?

— No curto e no médio prazo, o país tem condições vantajosas perante a maioria dos emergentes. Os produtos agrícolas brasileiros são privilegiados porque a demanda dos chineses tem crescido absurdamente. O Brasil está entre os fornecedores principais e caminha para ser o celeiro do mundo. Em relação aos produtos minerais, mesmo que haja desaceleração da economia americana, a demanda ainda vai continuar extremamente aquecida. Ela tem crescido muito acima da capacidade da oferta mundial de minérios. Não acredito em queda para o setor.

Existem outros setores?

— Sim, a indústria de base brasileira. Este setor estava parado há 15 anos, e existe um potencial enorme para crescer. Por exemplo, com usina hidrelétrica do Rio Madeira haverá uma necessidade enorme para equipamentos. Este setor vai aumentar a capacidade produtiva como um todo. E também a construção civil. Com a queda do custo financeiro, viabilizam-se investimentos para a habitação, algo que não se via há muito tempo. Num primeiro momento, vai atender às classes média e alta, mas depois se voltará para as classes mais baixas, com oferta de juros baixos.

Então corremos o mesmo risco que os americanos, com a crise do subprime?

— Não, é um processo completamente diferente. Lá, houve uma oferta exagerada, muito crédito, que puxou o preço das casas de classe média. A crise do subprime foi uma especulação para se fazer a primeira hipoteca, a segunda hipoteca, os americanos pegavam mais dinheiro para consumir. O que aconteceu foi a explosão do consumo. No caso do Brasil, é a compra da primeira casa própria, hoje o déficit habitacional é muito grande, a população precisa do mínimo para viver.

Continua na pág. E2

ENTREVISTA | MANOEL HORACIO

“É preciso reduzir a carga fiscal”

Economia - Brasil

Continuação da pág. E1

Existe algum setor que sairá prejudicado?

— Sim, o setor que vai sofrer um pouco é o de exportação de produtos elaborados. Um real extremamente valorizado, o crescimento do primeiro mundo declinando um pouco, com uma consequente queda na importação, isso pode afetar mais os exportadores de produtos elaborados.

Na média tende a ser um bom ano para a economia brasileira?

— Sim, muito bom. Vai haver um ajuste apenas, o que é bastante saudável para o PIB brasileiro. Porque, se continuamos a crescer a taxas acima de 5%, pode ocorrer a volta da inflação. Isso assusta o BC e ele quer controlar. Se a demanda continua alta, e a oferta nem tanto, isto pode fazer com que os empresários brasileiros recuperem um pouco a margem de lucro dos produtos, aumentando preços. Um crescimento um pouquinho menos acelerado que 5% é mais saudável, ao redor de 4%. Dá para ajustar a oferta com a demanda e manter os preços sobre controle.

Mas o que pode emperrar o

crescimento do país no longo prazo?

— A expansão dos gastos orçamentários. Mesmo com a queda da relação dívida versus PIB, que caiu 2%, e isto já é um bom sinal para o investidor estrangeiro, o que me incomoda é o tamanho da carga tributária. De tudo o que o país produz, o governo fica com 40%. Se queremos estar inseridos de fato em uma economia globalizada, no longo prazo, então é preciso reduzir, de alguma forma, a carga fiscal, que beira os 40%. A média dos Brics é de 25%.

De que forma?

— Precisamos repensar o tamanho do Estado. Ele não cabe na economia brasileira. Independentemente de qualquer reforma tributária que se faça, para ela ser eficiente, de fato, é preciso repensar o Estado brasileiro e o problema terá que ser enfrentado por algum governo brasileiro, seja agora ou no futuro.

E sobre a taxa Selic, ela baixa este ano?

— Creio que não. Os últimos acontecimentos americanos fizeram com que o governo mantivesse a taxa de juros em 11,25%. Isso, de certa forma, nos beneficia, pois é grande a expectativa de atrair capital

“

Precisamos repensar o tamanho do Estado. Ele não cabe na economia brasileira. O problema terá que ser enfrentado por algum governo

estrangeiro para o país. A taxa brasileira atrai aos investidores, mas, para isso acontecer, aumentam-se as pressões para manter a moeda estável. E quanto mais dólares entram aqui, mais valor o real ganha. O mercado cogita um aumento da taxa Selic no segundo semestre, mas caso o Fed americano baixe ainda mais a taxa de juros, dificilmente o BC brasileiro subirá a nossa, porque pode ocorrer uma diferença muito grande. E isto, além de abrir espaço para o capital especulativo, também afetará o dólar. O BC brasileiro só aumentará a taxa de juros se houver ameaça de volta da inflação. Eu acredito que a Selic vai permanecer em 11,25% pelo resto ano, e voltará a cair só em 2009. Isto mantém menor crescimento da economia, ajusta a demanda e não abre muito

“

Embora especule-se a volta do monopólio por causa da telefonia fixa, o mercado que se desenvolve hoje é o da telefonia celular

espaço ao capital especulativo, que força a queda do dólar. E dólar baixo diminui competitividade externa.

O mercado financeiro brasileiro avançou?

— Sim, e muito. Hoje, há muita concorrência, porque o mercado de ações aumentou muito e também há muitas empresas estrangeiras voltando ao Brasil para abrirem corretoras. A Fator está entre as quatro maiores do mercado, mas possivelmente será a única grande corretora independente do país, se a Agora for mesmo vendida ao Bradesco. Acredito que essa negociação se consolide até meados do ano.

Quais vieram?

— Muitos estrangeiros, que tinham saído do país, estão voltando.

O UBS, que comprou o Pactual, o Credit Suisse se fundiu ao Hedging Griffio. Liman Brothers, J.P. Morgan, e uma porção de outras empresas.

Como o senhor avalia a possível fusão da Oi com a BrT?

— Acho ótima. Sempre disse que só existia lugar para três grandes concorrentes e atualmente existem quatro: Telefônica, Grupo Claro, da Telmex Mexicana, Oi Telemar e a Brasil Telecom. Seria muito bom se pudéssemos juntar a Oi com a Brasil Telecom. Embora especule-se a volta do monopólio por causa da telefonia fixa, o mercado que se desenvolve hoje é o da telefonia celular. Todo a expansão do setor vem da mobilidade. Telefonia fixa é apenas uma via fixa para distribuir os serviços de interconexão para qualquer empresa operar, inclusive as de celular. Os avanços estão nos segmentos de banda larga, dados, voz e mobilidade. E, futuramente, vídeo em celular. Espero que haja um grupo brasileiro forte, se não, os estrangeiros engolem os brasileiros. Só é preciso passar pelos procedimentos burocráticos e regulatórios da Agência Nacional de Telecomunicações, mas até o fim do ano isso deve ser resolvido. É o futuro, e será de três grandes companhias.